
EDITORIAL

No dia 30 de setembro de 2005, o jornal dinamarquês de direita *Jyllands-Posten* publicou 12 charges que retrataram, de forma irônica, a cultura muçulmana e o profeta Maomé usando um turbante em formato de bomba. Tal acontecimento, seguido por outros jornais, em sua maioria de mesmo perfil ideológico, deu lugar a diversos protestos de autoridades muçulmanas, a invasões de embaixadas de países europeus e a gigantescos e radicais protestos de rua.

Algumas personalidades vinculadas ao meio acadêmico destacaram que a comunicação entre culturas não traz a compreensão automática e que, mesmo no longo prazo, as coisas tenderão a piorar, referindo-se às relações culturais entre mundo ocidental e cristão e mundo oriental e muçulmano. Intelectuais renomados identificaram que um dos lados do atual conflito se enxerga como civilização, com o correspondente ideal de liberdade de expressão, ao passo que o outro se vê como religião, com dogmas e valores que não podem ser desrespeitados nem admitidos imagens injuriosas. Outros destacaram que a dimensão dos protestos somente foi possível graças ao avanço tecnológico no terreno das comunicações, em especial da internet. Também fizeram-se presentes as análises que interpretavam os acontecimentos como precipitações em plano político-ideológico e cultural das contradições e dos conflitos estruturais do capitalismo, repercutindo em formas diversas de intolerância, violência e destruição, isto é, o fundamentalismo, que pode assumir manifestações muçulmanas, cristãs e judaicas nas diversas regiões do mundo contemporâneo, fortalece-se em razão do sofrimento de pessoas, de segmentos sociais e de nações.

É provável que estas análises estejam corretas, embora os fatores que centralizam cada explicação possam assumir, nos contextos históricos específicos, uma importância singular. É provável, ainda, que se encontrem pre-

sentes fatores desencadeadores dos conflitos, até o momento não apreendidos por nós, o que fazem dessas análises provisórias e parciais.

De qualquer forma, algumas realidades são incontestáveis no que se refere a religião. A maioria das pessoas em todo o mundo diz que a religião é muito importante nas suas vidas, e, para muitas delas, é a religião que imprime sentido a elas. O grande número de religiões é uma das causas dos conflitos presentes em todo o mundo e/ou constitui em espaços de projeção de frustrações e traumas psicossociais acumulados. Pessoas continuarão sendo vítimas de líderes de igrejas e/ou de estruturas eclesiais utilitaristas e autoritárias. As religiões permanecerão como parte importante da humanidade.

Encontramo-nos em uma quadra histórica que demanda, mais do que nunca, um encontro entre razão e fé em uma dimensão ética, isto é, que razão e fé proporcionem concepções religiosas que não reduzam o ser humano a coisa, que acumulem em direção à liberdade, à igualdade e à justiça na sociedade e que proporcionem as condições que permitam a realização da humanização contida como potência nos homens. Para tanto, as religiões devem ser concebidas como um esforço de apreensão e de alcance de Deus, cada qual com seus ritos e códigos morais. Esta leitura enseja uma superação dialética (incorporação/superação) da tradição religiosa que honra o amor incondicional a Deus, acima e à revelia dos homens. Nos limites dessa tradição religiosa, sob concepções diferenciadas de Deus, dos ritos e dos códigos morais, bem como sob práticas religiosas competitivas, não pode haver um terreno fértil para o respeito à vida, para a compreensão e para o amor em sentido amplo.

Uma tradição religiosa que conceba as religiões como expressões espirituais condicionadas histórica e socialmente e que honre a Deus por meio do amor incondicional aos homens é a senha para o ecumenismo. E falemos francamente, nesse contexto histórico, em que ocorre uma aceleração da mecânica destrutiva do capitalismo, somente uma tradição religiosa fundada na indissociabilidade entre razão e fé e no amor incondicional ao homem poderá resistir às contradições e aos conflitos políticos e ideológicos projetados para a própria religião.

Este número de *Fragmentos de Cultura* apresenta diversos artigos nessa perspectiva. No texto 'As CEB's sob os Olhares da Psicologia Social e da Psicologia Cultural: as perspectivas da identidade e da solidariedade', de Onofre Guilherme dos S. Filho, procuram-se articular os conceitos de identidade e de solidariedade numa estreita relação entre a sociedade e a cultura, com base na experiência histórica de um novo *ethos* social e cultural trazido pela experiência das Comunidades Eclesiais de Base.

Hubert Lepargneur e Irmã Laura nos oferecem leituras de duas personalidades importantes do Século XX. No texto René Girard em Perspectiva, Hubert Lepargneur apresenta uma visão sintética e panorâmica da obra do pesquisador e escritor católico René Girard. No texto Uma Pesquisa sobre Holismo: educação holística, Irmã Laura identifica as contribuições que Jan Smuts (1880-1953), filósofo e estadista sul-africano, forneceu-nos como precursor do paradigma holístico, bem como o ingresso do holismo em educação pelas mãos de Jean-Yves Leloup, Roberto Crema e Pierre Weil.

O artigo Discurso Religioso, Legitimidade e Poder: algumas considerações a partir de Bourdieu, Foucault e Heller, de Rodrigo Portella, procura definir, com base em Pierre Bourdieu e Michel Foucault, a questão da autoridade institucional-religiosa e a pretensão de oficialidade do discurso, bem como apontar questionamentos sobre a produção religiosa, as suas pretensas manifestações de verdade e as (re)significações desencadeadas nos indivíduos.

O texto *O Episcopado e a Recepção do Concílio Vaticano II em Goiás: microhistória e método biográfico*, de Sérgio Ricardo Coutinho, apresenta a possibilidade de investigação da recepção do Concílio Vaticano II e da atuação do episcopado em Goiás, tendo a microhistória e a biografia como referenciais teórico-metodológicos.

Em Fé, Cultura e Norma Eclesiástica: a gênese da Igreja Luterana no Brasil – uma delicada relação entre a organização popular e a tutela eclesiástica, Rodrigo Portella investiga a relação entre imigração alemã e formação de uma igreja teuto-evangélica no Brasil do século XIX, privilegiando as tensões entre as comunidades organizadas pelos imigrantes e a tentativa de tutela destas por parte da nascente instituição eclesiástica.

Em Investigação de Instituições Totais de Caráter Religioso, Sílvio José Benelli estuda a produção da subjetividade em instituições ‘totais’ de caráter religioso e os possíveis desdobramentos em termos de fanatismo, expansão rápida e segredo quanto à sua estrutura interna. A análise foca a relação estabelecida entre a instituição e as manifestações psicossociais dos seus fieis.

Maria Célia, em Reflexão sobre o Dízimo, realiza um retorno aos Antigo e Novo Testamentos para repensar criticamente o dízimo, no tempo presente, quanto às formas e excessos realizados por alguns pastores evangélicos.

No texto A Autoridade de Jesus no Evangelho de Lucas: um estudo teológico a partir de Lc 4,16-30, Frei Eurides Divino Vaz lança mão do tema da autoridade de Jesus, presente na sua visita a Nazaré (4,18), com o intuito de estabelecer uma metodologia de estudo teológico aplicável a outros temas bíblicos de caráter narrativo.

No artigo Não me Acordem do meu Sono: apontamentos sobre Mateus 24-25, Jimmy Sudário procura analisar o discurso profético escatológico da comunidade de Mateus, como mecanismo de defesa usado pelo grupo oprimido, discurso religioso concebido como oriundo de uma liderança intelectual que visa o conformismo social da comunidade mateana, bem como a uniformidade de seu discurso e comportamento.

O professor Ivan Aparecido Manoel concede entrevista publicada com o título Igreja e Estado no Brasil: uma história de contrastes e ambigüidades. Ela compõe um conjunto de questionários cuja base é a pesquisa A Recepção da Escola dos Annales no Estado de São Paulo, com o objetivo de verificar a relação entre os estudos teóricos e a prática docente dos professores do departamento de História do Campus de Franca, tendo em vista verificar a função social, os conceitos e os métodos da pesquisa histórica inspirados na Escola dos Annales.

O professor Pedro Paulo A. Funari, numa clara demonstração de que o campo das traduções e edições comentadas dos grandes textos bíblicos tem crescido significativamente, com introduções alentadas e notas explicativas cuidadosamente elaboradas, expõe resenha que apresenta e contextualiza as obras *Kohèlet/Ecclesiaste*, de Erri de Luca, e *L'Évangile de Philippe*, de Jean-Yves Leloup.

A título de conclusão, compartilhamos do entendimento de que não há alternativa para a humanidade fora da compreensão e da tolerância. No plano da religião, uma nova tradição religiosa que indissociabilize razão e fé em uma dimensão ética e um espírito ecumênico poderá representar uma grande contribuição nesse sentido. *Fragmentos de Cultura* é parte dessa jornada de construção.

Walmir Barbosa